

Um olhar a uma voz

G a b r i e l B a g u e t J r .

*«Eu cantarei sempre /
enquanto houver saudade»*

ABRI O COMPUTADOR. PENSEI. REFLECTI. CONSULTEI textos e mais textos. E depois, timidamente, parti para o desafio de escrever e expressar o meu testemunho pessoal sobre uma senhora que se chama Cesária Joana Évora.

Nasceu no Mindelo, na Ilha de São Vicente, em 1941. No passado dia 27 de Agosto de 1999 marcou 58 anos de encontro com a vida. É o dia do seu aniversário. Cize ou a «Diva dos Pés Descalços», como é internacionalmente conhecida, disse-me ao telefone que a festa dos seus 58 anos, na casa situada na Avenida Renato Cardoso, no Mindelo, na Ilha de São Vicente, «vai ser uma grande surpresa». E com a ternura e a inexplicável sedução de sempre, fez questão de dizer-me que estava convidado para ir à sua terra natal, o Mindelo. Não disse que sim, nem que não. Agradei o convite, falámos mais um bocado e na sua memória mantinha a recordação de que em 1997, em Lisboa, onde estive para mais um espectáculo no Coliseu, tínhamos tomado o pequeno-almoço às 6 da manhã e que a tinha acompanhado durante todo o dia até ao fim do espectáculo, integrado numa equipa de jornalistas franceses.

Nesse dia, por decisão da direcção da RDP-África, o objectivo era acompanhar Cesária, dando a conhecer aos ouvintes os detalhes do percurso da grande senhora da música de Cabo-Verde até subir ao palco do «velho» e renovado Coliseu de Lisboa. Nunca tinha estado tão próximo daquela mulher cabo-verdiana que, no passado dia 15 de Julho de 1999, foi agraciada com o Grau de Grande Oficial da Ordem de Mérito, atribuído pelo Presidente da República português, Jorge Sampaio, numa homenagem organizada pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros, através do Instituto Camões. Recordo-me da emoção, como se

agora fosse, que senti quando me dirigi a Cesária no hall do hotel onde estava hospedada. Referi-lhe que ia acompanhá-la durante todo o dia. Cesária sorriu e, num gesto simples e quase materno, respondeu-me: «porque não?». Cesária estava vestida com uma saia comprida cor de laranja e uma blusa lilás. Num passo lento, dirigiu-se para uma cadeira onde se sentou aguardando o empresário, mas também o grande amigo cabo-verdiano José da Silva. Quando chegou José da Silva, cumprimentaram-se e falaram em crioulo.

Para surpresa de Cesária, a sala dos pequenos-almoços do hotel ainda estava fechada. Queria comer ovos mexidos e beber café com leite. Impaciente (porque se levanta muito cedo) mas delicada, decidiu que fôssemos procurar um café perto do hotel. Saímos e, mesmo ao lado, encontrámos na Avenida 5 de Outubro um café aberto. Depois do pequeno-almoço tomado, voltámos para o hotel e partimos para o itinerário, traçado pela equipa de produção, que em Lisboa Cesária tinha que percorrer. E o trajecto a fazer incluía visitas e sessões de fotografias em lugares históricos de Lisboa. Passámos pelo Chiado, pelo jardim de São Pedro de Alcântara, pela Sé e, por assumida decisão de Cesária, pela Rua Poço dos Negros, onde Cize, como é carinhosamente tratada, fez questão de parar algum tempo. Aí, Cesária foi arranjar o cabelo à sua amiga D. Gabriela. É um ritual que cumpre religiosamente quando vem a Lisboa. Para quem não sabe, só muito recentemente aceita ficar instalada em hotéis. Porque era em casa de D. Alda, na zona habitacional da Rua Poço dos Negros (local onde vive uma grande comunidade cabo-verdiana), que Cesária Joana Évora fazia questão de ficar. Sempre anti-vedeta, depois do cabelo e das unhas arranjadas pela amiga de infância D. Gabriela, Cesária foi saudando os amigos, cumprimentando este e aquele que, naquela

manhã de sábado, se cruzavam inesperadamente com uma mulher pequena, gordinha, envergonhada por vezes, mas surpreendentemente conversadora e amável quando abordada. Naquele dia, se já antes tinha essa impressão, constatei que não era fácil fazer um retrato preciso de Cesária Évora.

Como disse a poetisa Dina Salústio, «*houve um tempo em que, menina, cantava estórias, embalando a cidade, moldando afectos, inventando magia*» ou em «*canções de roda em ritmos de morna. Outro tempo, e a menina se escondeu. Serenatas e sonhos, Cesária e nós, exilados no escuro cinzento de uma parcela de vida... Amores, renúncias, desfechos... A vida fazendo-se*». De facto, há momentos e pessoas que se cruzam na nossa vida, nas cidades ou nos lugares que habitamos, que não conseguimos descodificar de uma forma simples. Nem tão-pouco esquecê-las. E com a Cesária, isso aconteceu-me. Por vezes, no ofício solitário da escrita ou da reportagem de um lugar ou de pessoas, ficam-nos a sede permanente da descoberta desse lugar e dessa pessoa. E naquele dia de Agosto de 1997 ia constatando, à medida que as horas iam passando, que Cesária Évora iluminava os lugares onde parava. Um cumprimento em português, outro em crioulo. Às três da tarde parámos para ir almoçar a Cascais. Mas meia-hora antes, Cize fazia a última sessão de fotografias no Jardim São Pedro de Alcântara. Rodeada de imensa gente, tapando com as mãos cheias de anéis o olhar triste mas também alegre que caracteriza um comportamento da sua personalidade, Cesária ia contagiando com a sua alma e voz os homens e mulheres que se juntavam a ela. Depois, quase obrigada, Cize despediu-se no seu característico «Até amanhã», por solicitação dos seus produtores. Entrou no carro, atirando flores, e passado algum tempo chegámos ao restaurante já previamente marcado em Cascais. Uma nova abordagem de popularidade e simpá-

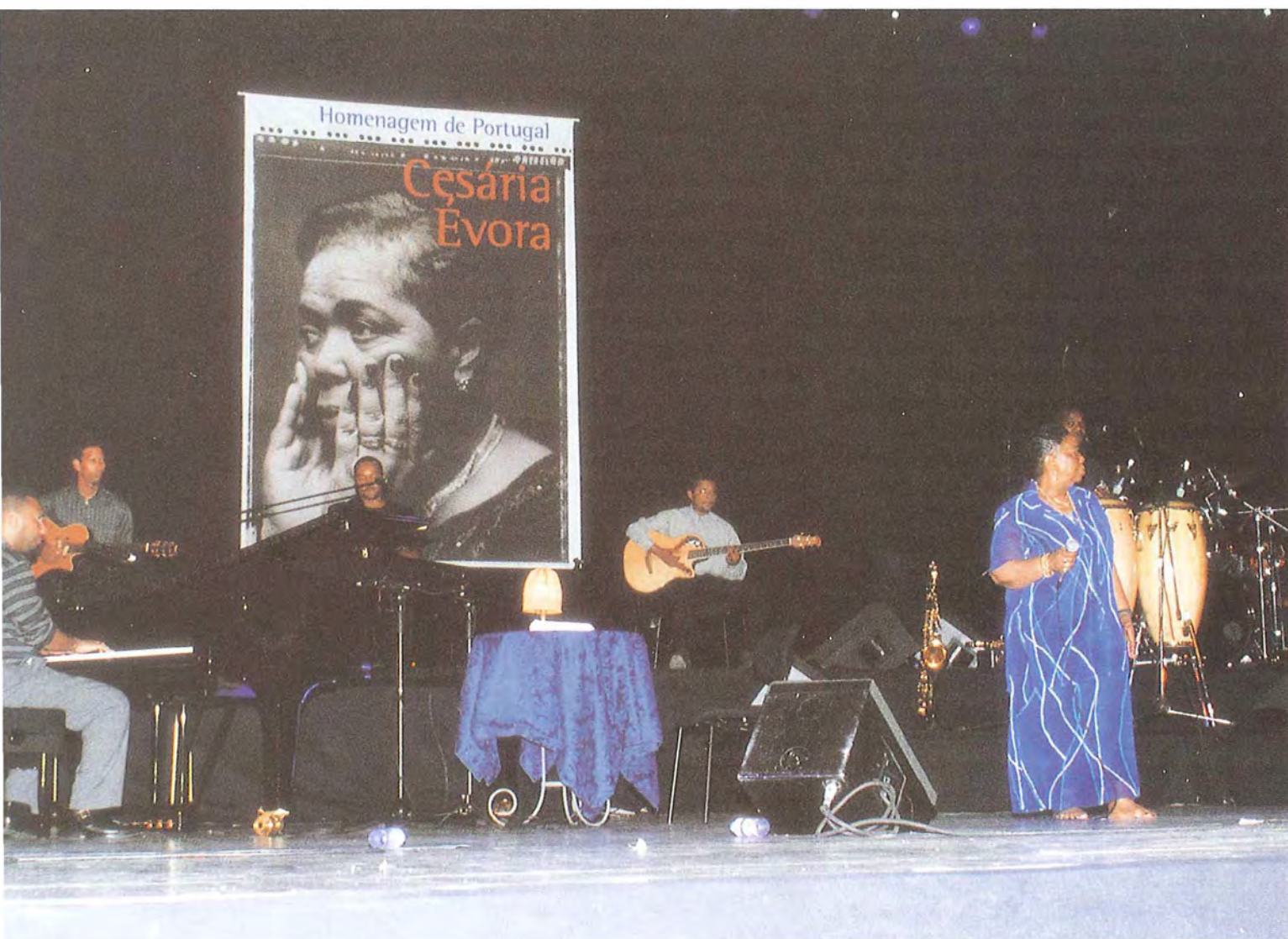


tia a que esta mãe, avó e verdadeira embaixatriz da música cabo-verdiana não ficou indiferente. E citando de novo Dina Salústio, estar com Cesária é estar com «*Sentires e emoções do mundo, e nós, outra vez e sempre rendidos à voz platina e dor, riso e ouro dessa mulher de ébano. Miss Perfumado, Fruto Proibido, Mar Azul, Cabo Verde... Mornas. Pedacos de vidas que Cesária canta, enquanto houver noite, enquanto houver mar...*». E durante o tempo em que ia tendo o privilégio de estar em contacto directo com aquela mulher, ouvindo as suas histórias, ficava em mim o registo íntimo de alguém que desperta em nós, um profundo encanto. Mas falar de Cesária Évora é também não esquecer um passado de luta, de persistência, de insularidade, solidão, cantos que se transformam em verdadeiros gritos de liberdade, de natureza, de maternidade e de saudade.

E naquela viagem que me foi proporcionada fazer com «*La Diva aux pieds nus*» (com a Diva de pés descalços), espantava-me a humildade, mas a força dos seus sonhos escondidos. Como referiu Maria Armandina Maia, directora da Acção Cultural Externa do Instituto Camões, «*ela é um dos elos que unem e unificam uma população, cujo coração bate a compasso, ao som desta voz, onde se acalentam o sonho de voltar, e os sonhos da infância que todos trazemos dentro de nós*». Depois de Cascais, regressámos a Lisboa para Cesária descansar. Porque à noite «*a voz cheia daquela tristeza que enfeitiça e se fixa como lembrança perene*», segundo o jornalista João Gobern, tinha mais um encontro marcado com o público. E às 22 horas da noite as luzes iluminavam o palco do Coliseu de Lisboa para ouvir a voz de Cesária Évora. O silêncio caiu sobre a plateia. E eu sentei-me para ouvir a sua voz, intocável, absoluta e segura de quem pisa de pés descalços vários palcos dos mundo. E durante quase duas horas deixei-me embalar por sonhos, por fragilidades, por sentimentos e convicções. Os aplausos seguiam-se, após aplausos. Porque Cesária agarra o público, transforma-o, deixando-o com o desejo de voltar a vê-la e senti-la quanto as suas energias o permitem. No fim, regresssei ao camarim para cumprimentá-la de novo. Estava sentada, rodeada de gente e mais gente, mas serena. Limitei-me a contemplá-la, num misto de emoção e comoção.

Aquela que é hoje considerada a melhor intérprete da música tradicional cabo-verdiana cresceu no seio de uma família amante de mornas e coladeiras, aliás traço comum à identidade de qualquer cidadão cabo-verdiano. Aos 7 anos de idade morreu-lhe o pai, músico popular e violinista de rua.

Cesária Évora, o Ministro dos Negócios Estrangeiros e o Presidente do Instituto Camões na Homenagem a Cesária Évora. Lisboa, 15 de Julho de 1999.
Fotografia Instituto Camões/Nuno Saraiva.



Fotografia Instituto Camões/Nuno Saraiva.

Mas é a um primo que Cesária vai buscar as referências musicais – de seu nome Xavier Francisco da Cruz, o conhecidíssimo B'Leza, outro grande animador das noites de Mindelo, e que viria a falecer em 1958. B'Leza é reconhecidamente uma das mais fortes e determinantes referências da música de Cabo Verde e muitas

das famosas composições musicais daquele arquipélago são de sua autoria ou contaram com a sua colaboração. E é nestaligação familiar que Cesária receberia, então, o impulso do primo e de outros músicos amigos para ganhar a confiança necessária para se apresentar nos circuitos já concorridos da época, dos locais de eleição,

onde se ouvia e dançava os ritmos quentes e melodiosos da música de Cabo Verde.

Adquirida a coragem, era chegada a vez de outra conquista: a dos corações dos exigentes amantes das mornas e coladeiras. Escusado será dizer que o sucesso foi tal que, ainda hoje, há quem recorde as suas actuações no famoso Piano-Bar, ponto de encontro dos noctívagos apaixonados pelas sedutoras noites do Mindelo. Pouco dada a entrevistas, quando questionada acerca da inspiração para os temas que interpreta, Cesária é de uma objectividade lateral e espontânea: *«Cabo Verde é uma terra muito bonita, mas há sofrimento, muito tristeza. E é isso que eu canto»*. E fá-lo como mais ninguém o fez. Canta e encanta. A voz desta senhora, que já gravou doze álbuns em CD, transforma os corações mais resistentes e transporta-os pelo imaginário para as paragens paradisíacas das ilhas de Cabo Verde, terra que tem espalhado pelos vários cantos do mundo os seus filhos, emigrantes de fama reconhecida. O que explica o constante apelo à *sóddadi* da pátria, deixada em busca de melhor sorte e de outros destinos.

Cesária começou a cantar muito cedo, mas referiu-me que *«só por volta dos meus 18 anos é que comecei a ser solicitada pelas pessoas e a rádio veio ter comigo, assim começando a minha consagração. Em consequência disso, tive a oportunidade de cantar com muitos amigos, em especial com o Ti Goy, ainda que sem um grupo para tocar comigo»*. Mas as circunstâncias nunca demoveram esta mulher pequena, mas de alma grande, referindo-me o seguinte: *«Ja cantar para os bares, acompanhada por uma guitarra ou por um cavaquinho»*. E não foi preciso muito para que o seu talento fosse notado. *«Pouco a pouco, fui-me tornando conhecida e o convite para cantar numa rádio local ajudou a espalhar o meu nome pelas outras ilhas de Cabo Verde, onde as pessoas não*



FOTOGRAFIA INSTITUTO CAMÕES/NUNO SARAIVA

me conheciam. E assim foi crescendo a minha reputação», diz-me, sorrindo de uma forma franca e aberta. Mas, mesmo assim, a vida não facilitava, era preciso ganhar algum dinheiro para fazer frente às contrariedades do dia-a-dia e explica-me em tom de desabafo: «A rádio dos colonos pagava-me vinte e cinco escudos por cada canção, o que era mesmo muito pouco». Talvez por este motivo, opta por uma paragem, entre 1975 e 1985. E salienta a sua posição: «Decidi não cantar, regressei a casa e ocupei-me da minha mãe, recusando todo e qualquer contacto com a rádio». Inesperadamente, decorria o ano de 1985, a convite de um jornalista, apresenta-se com os seus próprios músicos, dos quais se destaca o talentoso e indescritível clarinetista Luís de Morais. É o regresso de Cesária, aos 50 anos, de novo com o mundo da música. Contudo, na conversa que tivemos, não deixa de referir-me o seguinte: «Foi tudo difícil e só agora é que eu começo realmente a ter algum sucesso». Cize estava determinada a partir à conquista de outras paragens, de sentir outros ventos, mas também de um reconhecimento mais vasto e compensatório.

«Crioula Sofredora»

É ainda em 1985 que chegaria a sua grande oportunidade, ao ser escolhida pela Organização das Mulheres de Cabo Verde para figurar, com mais três cantoras, numa compilação especial de cantoras cabo-verdianas, a gravar o álbum «*Mudjer*» (palavra crioula que significa em língua portuguesa mulher).

Neste período, foi decisivo e determinante o apoio de dois grandes amigos: Luís de Morais e Bana, com os quais Cesária Évora gravaria um trabalho, editado em 1987 e posteriormente vendido em Lisboa. Tratava-se do álbum «*Crioula Sofredora*». Mais tarde, Cesária parte em digressão com Bana, outro grande senhor da música de Cabo Verde, para os Estados Unidos

da América. Nessa ocasião, destacou-se a passagem por Boston, onde vive uma numerosa comunidade cabo-verdiana. O sucesso foi total. Acabaria por regressar mais tarde àquela cidade americana, para mais uma série de concertos.

«A Diva dos Pés Descalços»

Mas se em Boston se antevia um desenho promissor, é em Paris, na capital francesa, que Cesária veio a encontrar o verdadeiro e merecido reconhecimento internacional. Na cidade-Luz, participa num concerto para as comunidades africanas ali residentes. O espectáculo foi organizado por um músico conterrâneo de Cize, José da Silva (mais popularmente conhecido por Djô). Feliz e encantado com o sucesso do concerto, José da Silva convida Cesária para gravar dois álbuns para a sua editora, a Lusáfrica. Deste cruzamento entre conterrâneos, mas musical, resulta a edição em dois discos, com os títulos «*Destino di Belita*» e «*La Diva Aux Pieds Nus*», epíteto por que ficará famosa em França, actuando sempre descalça. O sucesso soma-se novamente e, em 1991, surge o álbum «*Mar Azul*», gravado em França. A imprensa e a crítica musical francesas não resistem ao fascínio e ao canto crioulo de Cize. É no *Libération* que sai o primeiro artigo sobre ela. Segue-se o *Le Monde*, dedicando-lhe múltiplos elogios: «*a cinquentenária Cesária canta a morna com uma profunda devoção. Pertence à aristocracia dos cantores de bar*». Em 1992, os media franceses voltam a falar da senhora do Mindelo, comparando-a a Billie Holliday, comparação que Cesária recusa, afirmando: «*o meu nome é Cesária, canto o meu próprio estilo e é tudo o que há para dizer*».

Depois, e já familiarizada com o público francês, actua na maior sala de espectáculos de Paris, o Olympia. A lotação esgotou. A partir daí, Cesária Joana Évora consagra-se como uma referência musical em todo o mundo.

O Fado de Amália e paixões de vida

Sobre a proximidade da morna ao fado, Cesária tem uma opinião muito própria: *«Uma vez que os colonialistas aqui estavam quando eu era muito jovem, naturalmente que ouvi muito fado. E sempre gostei muito da música da Amália Rodrigues. O fado toca-me muito no fundo, mas apenas quando oiço a Amália cantar»*. Mas as preferências musicais de Cesária Évora são várias. Ri-se, quando se pergunta quais são, *«porque não quero melindrar ninguém»*. Mas de repente pisca-me o olho e diz-me de sorriso bem expresso no seu rosto: *«gosto de todos, de todos os estilos e de Cabo Verde em particular»*.

E naquela noite de sábado de Abril de 1997, voltando de novo a descrever Cesária Évora, constatei que a distância entre o palco e o público era muito pequena. Cesária canta, encanta e pontualmente no momento ou no compasso menos esperado, quebrando por vezes o ritual intimista, lança um piropo, distribuindo em todos os gestos a magia da sua voz.

Amante confessa do conhaque e do whisky, Cesária deixou de beber. Sobre a sua vida sentimental, Cesária não esconde que nem sempre foi tranquila e feliz. Três casamentos desfeitos deixaram-lhe um desencanto indisfarçado em relação aos homens. Não admira, por isso, ouvi-la dizer com alguma melancolia que *«os únicos homens que vivem comigo são o meu irmão, os meus filhos, o meu genro e mais ninguém»*. Mas no Mindelo a sua casa está aberta ao Mundo e às pessoas 24 horas por dia. Quem o confirma é Francisca Évora, prima mais nova, mais conhecida por Saba, que me descreveu a Cesária como uma pessoa que *«recebe todos os dias, amigos e familiares. Todas as pessoas gostam dela, quer sejam da alta sociedade ou da baixa. Cize não tem preconceitos»*. E eu pude observar isso. No

final do concerto de Lisboa, no Coliseu, Cesária foi com os amigos para uma discoteca cabo-verdiana: o B'Leza. Enquanto isso, nos arredores das portas de Santo Antão, junto ao Coliseu, muitos ainda cantarolavam a música com que iniciou e pôs termo ao concerto, *«Sangue di Beirona»*, mesmo os que não compreendiam a letra da música. Há sentimentos que não se explicam. Há razões que a própria razão desconhece. E há códigos e emoções que são universais. A Música é uma delas.

Depois desse concerto, continuei a partilhar com a música de Cesária Évora, em casa, via rádio, ou num círculo restrito de amigos, a ligação que a ela me mantinha ligado antes do concerto no Coliseu de Lisboa ou no Teatro São Luiz.

Porém, para surpresa minha, um grande cartaz afixado na futura Casa da Lusofonia, sita na Praça Marquês de Pombal onde funcionará futuramente o Instituto Camões, espelhava a homenagem de Portugal a Cesária Évora. Intimamente, pensei: parabéns Cesária. E por razões alheias à minha própria condição humana, não vi desta vez a Cesária subir ao palco. Ouvi via rádio e soube dos detalhes do evento, através de um velho amigo angolano de infância. E no grande Auditório do Centro Cultural de Belém, o espectáculo reuniu vozes de Elba Ramalho, a Voz de Cabo Verde, Músicas de Sol e Lua e a voz da senhora natural do Mindelo, Cesária Évora, acompanhada por dez músicos. Misturaram-se sons, vozes e instrumentos e segundo disse Maria Armandina Maia de Cesária *«ela é, por tudo isto, e por muitas razões que a emoção nos impede de descrever com maior exactidão, um símbolo vivo da esperança colectiva que ainda não nos abandonou, de nos encontrarmos todos, um dia, na esquina do sonho de um verdadeiro diálogo multicultural»*. Alguém disse um dia: *«I have a dream»* (Eu tive um sonho).